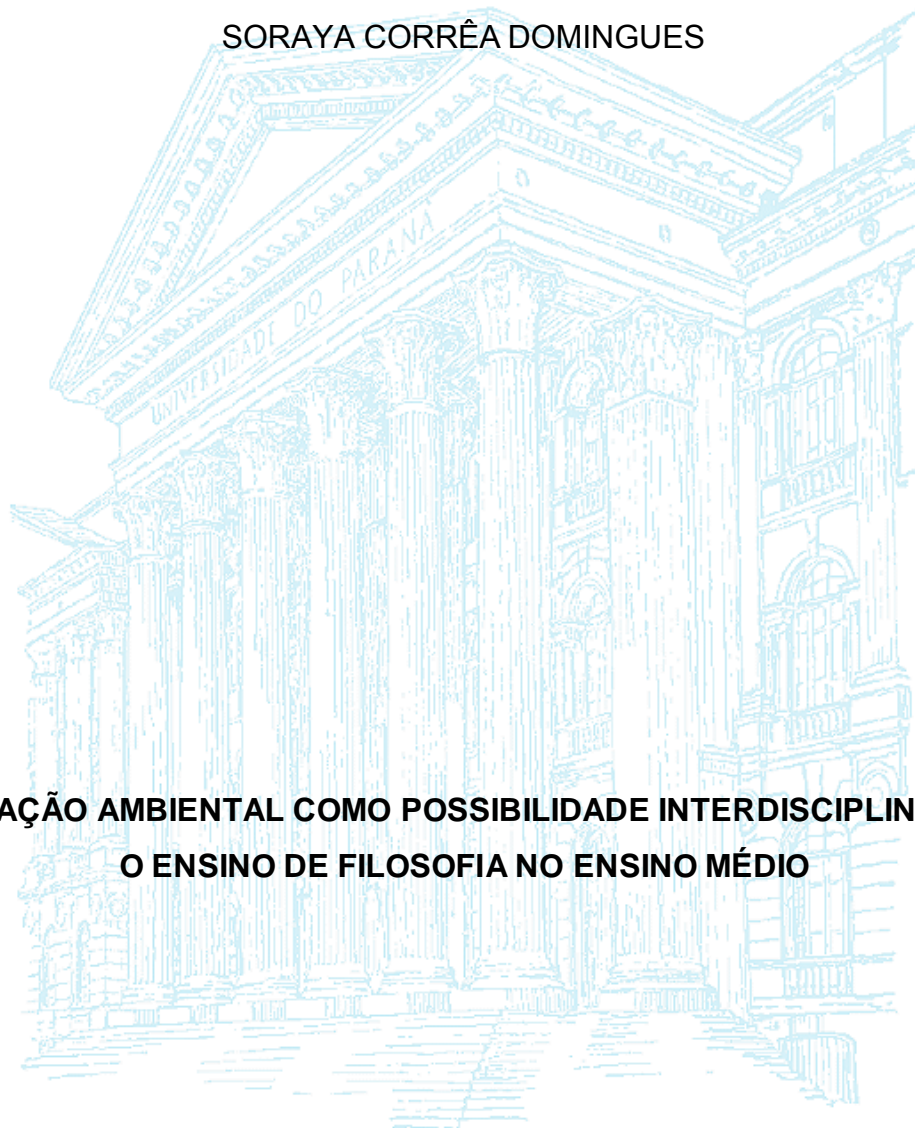


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SORAYA CORRÊA DOMINGUES




**A EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMO POSSIBILIDADE INTERDISCIPLINAR PARA
O ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO**

CURITIBA

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SORAYA CORRÊA DOMINGUES



**A EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMO POSSIBILIDADE INTERDISCIPLINAR PARA
O ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO**

Monografia apresentada para conclusão do Curso de Pós-graduação em Ensino de Filosofia no Ensino Médio da Universidade Federal do Paraná.

Orientador (a): Antonio Djalma Braga Junior

CURITIBA

2018

DEDICATORIA

Dedico essa monografia a minha mãe, Henriqueta Quintanilha Corrêa e meu avô, Álvaro Luís Corrêa, que não estão mais aqui conosco, mas que me ensinaram a amar o conhecimento como a possibilidade de liberdade do ser humano.

AGRADECIMENTOS

Entrei no curso de Filosofia em 2006 na Universidade Federal da Bahia, e não concluí pois ingressei no doutorado na Universidade Federal de Santa Catarina e, com isso, optei por finalizar o curso de Doutorado. Minha intenção era logo após me estabilizar economicamente, voltar a estudar Filosofia formalmente, já que informalmente, eu continuei com minhas leituras de cabeceira. Fui nomeada professora da Universidade Federal do Paraná em 2012 e desde então venho coordenando projetos interdisciplinares de Educação Ambiental nas escolas de Curitiba e região. Em 2016, sabendo da minha paixão por Filosofia, alguns professores e meu marido Thiago Faollo, me informaram sobre um curso de Pós-graduação em Ensino de Filosofia no Ensino Médio, logo me interessei pelo tema, e busquei informações sobre o curso. Observei que, nele, eu poderia estudar Filosofia e também o ensino Médio, achei pertinente para minha atuação como docente pois, apesar de não ter concluído minha formação em Filosofia, minha atuação como coordenadora de projetos na escola, me aproximou a realidade na qual o ensino de Filosofia estava diretamente relacionado.

Durante o curso, busquei fazer todas leituras obrigatórias e as complementares. Tive no decurso uma gestação de alto risco, pensei em abandonar o curso, devido ao acompanhamento médico intensivo em toda a gestação. Mas pensei por outro lado, como esse curso me fazia bem pessoal e profissionalmente, então optei por continuar. Ao final dos módulos, percebi que as leituras me indicaram novos caminhos da Filosofia, e reafirmei outros caminhos da Educação e dos processos de ensino e aprendizagem escolar. Portanto, agradeço a todos os professores deste curso, a minha Tutora Aline da Silva Dias, pelas correções atenciosas das tarefas, a Luana Medeiros por sua atenção e acompanhamento persistente às minhas dúvidas, ao meu orientador Antônio Djalma, por ter me incentivado com a temática escolhida para a monografia, e por suas orientações, ao Thiago Faollo, por ter ficado diversas vezes com a nossa filha, recém nascida, permitindo o término do texto monográfico, a Mariana por estar atenta a tudo que eu precisava para finalizar esse curso, e a Ananda, que com apenas dois meses ficava no meu colo ouvindo o som do teclado, e calmamente, ela parecia que compreendia a minha necessidade para terminar esse etapa do curso.

EPÍGRAFE

O enorme impacto do Princípio Responsabilidade não se deve somente a sua fundamentação filosófica, mas ao sentimento geral, que até então os mais atentos observadores poderão permitir cada vez menos de que algo poderia ir mal para a humanidade, inclusive o tempo poderia estar em posição no marco de crescimento exagerado e crescente das interferências técnicas sobre a natureza, de pôr em jogo a própria existência. Entretanto, se havia comentado que era evidente a vinda da chuva ácida, o efeito estufa, a poluição dos rios e muitos outros efeitos perigosos, fomos pegos de cheio na destruição de nossa biosfera

HANS JONAS (2005, p. 352-353)

RESUMO

Este trabalho foi apresentado como trabalho de conclusão de curso de pós-graduação em Ensino de Filosofia no Ensino Médio e teve como objetivo refletir sobre a possibilidade de desenvolver aulas de Filosofia com base nos princípios da Educação Ambiental. Para construir este trabalho, foi necessário aprofundamento teórico sobre o tema e uma reflexão sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas no projeto de Pesquisa e Extensão na Universidade Federal do Paraná que articulou de modo interdisciplinar a Filosofia, Educação Física, Ciências e Geografia, e por fim a indicação das possibilidades para desenvolver aulas de Filosofia no Ensino Médio a partir de projeto Interdisciplinar sobre Bicicleta e a Educação Ambiental. O projeto da Bicicleta, como mobilidade urbana de baixo impacto ambiental nas aulas de Filosofia, proporcionou momentos de aprendizagem, nos quais os alunos e professores puderam construir seu conhecimento filosófico sobre problemáticas da vida cotidiana, e a partir destas problemática, pensar em novas ações sociais para uma vida mais equilibrada. Pode-se concluir que a Filosofia, se ensinada de modo a problematizar os eventos do cotidiano como conteúdo das aulas, favorece a formação crítica e reflexiva, fundamentado em argumentos lógicos, e consolidados em autores clássicos que trazem reflexões filosóficas sobre a temática da relação entre ser humano e meio ambiente.

Palavras Chaves: Filosofia; Educação Ambiental; Problematização

ABSTRACT

This work was presented as a post-graduation course in Teaching Philosophy in High School and had as objective to reflect on the possibility of developing Philosophy classes based on the principles of Environmental Education. In order to construct this work, it was necessary to deepen the theoretical on the subject and a reflection on the pedagogical practices developed in the Research and Extension project at the Federal University of Paraná that articulated in an interdisciplinary way the Philosophy, Physical Education, Sciences and Geography, and finally indication of the possibilities to develop Philosophy classes in High School from an Interdisciplinary project on Biking and Environmental Education. The Bicycle project, as urban mobility with low environmental impact in Philosophy classes, provided learning moments in which students and teachers could build their philosophical knowledge on everyday life issues, and from these problems, think about new social actions for a more balanced life. It can be concluded that Philosophy, if taught in a way to problematize the daily events as class content, favors the critical and reflexive formation, based on logical arguments, and consolidated in classic authors that bring philosophical reflections on the thematic of the relation between human being and the environment.

Keywords: Philosophy; Environmental education; Problematization

SUMÁRIO

1. ELEMENTOS INICIAIS DA PESQUISA	9
1.1. Apresentação	9
1.2. Objetivos Gerais	9
1.3. Objetivos específicos.....	9
1.4. Procedimentos teórico-metodológicos	10
1.5. Aprofundamento Teórico:	10
1.6. A Educação Ambiental como tema-problema nas aulas de Filosofia	24
2. A ORGANIZAÇÃO PEDAGÓGICA DA PROBLEMATIZAÇÃO NA ESCOLA: O PROJETO AMBIENTALISTA E INTERDISCIPLINAR DA BICICLETA NO ENSINO MÉDIO	31
3. RESULTADOS ALCANÇADOS.....	40
4. REFERÊNCIAS.....	41

1. ELEMENTOS INICIAIS DA PESQUISA

1.1. Apresentação

Esta é uma monografia de conclusão de curso de Pós-graduação em Ensino de Filosofia no Ensino Médio, e foi desenvolvida com a intenção de incentivar projetos interdisciplinares na escola, aprofundando, teoricamente temas e problemas pertinentes e relativo a Educação Ambiental no Ensino de Filosofia como possibilidade de organização do conhecimento curricular. Para isso, foi desenvolvido projetos nas escolas, durante o período de 2016 e 2017. Uma dessas escolas será destacada e abordada nesta monografia como possibilidade para desenvolvimento de projetos interdisciplinares na escola, tendo como pressuposto pedagógico e teórico autores e conteúdos da Filosofia e a suas relações entre outras áreas dos saberes escolares.

Estes projetos, nas escolas, foram desenvolvidos para experimentar e vivenciar a Filosofia e a Educação Ambiental no Ensino Médio, em aulas e encontros entre professores e alunos, nos quais pudessem fazer o aluno entrar em contato com temas relacionados a sua própria realidade, aproximado a partir do enfoque da Educação Ambiental e áreas aparentemente distintas e fragmentadas um único projeto que envolve a área de Filosofia e outras, com o objetivo de narrar e aprofundar teoricamente o que foi desenvolvido no ensino médio, trazendo para reflexão a pergunta de pesquisa: Quais possibilidades para desenvolver a partir da Filosofia um projeto interdisciplinar com a temática da Educação Ambiental?

1.2. Objetivos Gerais

- Desenvolver um trabalho de conclusão de curso sobre a Educação Ambiental e o Ensino de Filosofia no Ensino Médio, evidenciando os limites e as possibilidades desta relação pedagógica interdisciplinar.

1.3. Objetivos específicos

- Analisar o papel da Filosofia no Ensino Médio e suas possibilidades interdisciplinares;
- Destacar a Educação Ambiental seus princípios e diretrizes para o ensino médio;
- Compreender como a Educação Ambiental pode ser uma possibilidade interdisciplinar a partir da Filosofia do Ensino Médio;
- Relatar experiências do projeto teórico-prático de uma escola pública de Curitiba;

- Indicar possibilidades para desenvolver aulas de Filosofia na temática ambiental;
- Analisar as possibilidades e limites que essas práticas pedagógicas geraram para os professores e alunos do projeto interdisciplinar na escola sobre Filosofia e Educação Ambiental.

1.4. Procedimentos teórico-metodológicos

O trabalho terá como fundamento teórico aproximações com autores da dialética, em especial autores que subsidiam um olhar Fenomenológico do ser humano, da escola e da aprendizagem. A partir destes fundamentos será desenvolvido: 1) Aprofundamento dos conceitos relacionados ao tema geral de pesquisa, a saber: Educação Ambiental, Filosofia no Ensino Médio e Interdisciplinaridade; 2) Descrição, de forma compreensiva, sobre as experiências e vivências na escola pública com o projeto Interdisciplinar de Filosofia e Educação Ambiental.

Para isso foram desenvolvidos os capítulos:

1 – Elementos iniciais e aprofundamento Teórico com os fundamentos e conceitos necessários a compreensão do que é uma filosofia no ensino médio, seu papel perante aos professores e estudantes da escola, a interdisciplinaridade como possibilidade de organização do ensino de Filosofia, com aproximação a temas da realidade e do cotidiano do estudante, compreender a Educação Ambiental como fundamento para articular várias áreas distintas escolar em torno de um único projeto pedagógico.

2 – As propostas pedagógicas nas aulas de Filosofia no ensino médio a partir da Dimensão da Educação Ambiental. Trazendo alguns exemplos de atividades curriculares desenvolvidas nas escolas que participaram dos Projetos de Extensão e do Licenciamento da Universidade Federal do Paraná, projetos que articularam a Filosofia e outras áreas na escola em torno do projeto da Bicicleta como meio de transporte alternativo na Cidade de Curitiba.

3 – Os resultados esperados e alguns que já foram alcançados com este trabalho e com as propostas já vivenciadas nas escolas.

1.5. Aprofundamento Teórico:

1.5.1. Como ensinar Filosofia a partir da problematização

Primeiramente parece que é necessário dizer de que lugar estamos falando em relação ao Ensino de Filosofia no Ensino Médio, pois diante das questões da atualidade no Brasil, a Filosofia recentemente entrou como matéria obrigatória no Ensino médio na escola, e agora está sendo novamente ameaçada pelo atual projeto de Governo que quer repensar o Lugar da Filosofia no Ensino Médio, retirando novamente sua obrigatoriedade. Muitos dos argumentos da retirada ou da desvalorização da Filosofia no Ensino Médio, se deve a falta de especificidade da área, e de uma aparente não necessidade desse conteúdo para os jovens, em detrimento de conteúdos que, geralmente, são mais valorizados pela sociedade em geral e por projeto de governos, como Português e Matemática. Nesta monografia foi analisado como se dá a necessidade de se ensinar filosofia e a partir de que pressupostos essa disciplina assume lugar ímpar na formação dos jovens no ensino médio, para posteriormente analisar como essa a Filosofia pode se relacionar com outras áreas por projetos interdisciplinares de Educação Ambiental.

O problema do ensinar, está relacionado ao problema da metodologia do ensino de determinada área do conhecimento, está em torno de buscar como o aprendiz pode aprender e também como o professor pode estruturar seus princípios para ensinar. Afinal, seja com métodos históricos temáticos ou da problematização é o professor quem conduz o caminho. Quando ele escolhe caminhos que são construídos coletivamente, como sugere o método da problematização, este caminho é escolhido e realizado por todos os participantes do processo de aprendizagem. Porém, ainda assim ressalta-se o valor decisivo dos processos do professor neste meio. Portanto, saber sobre a importância da escolha do ato de ensinar e seus métodos é imprescindível para um desenvolvimento mais adequado a uma aprendizagem no ensino de filosofia.

Guido, Gallo, Kohan (2013) abordam três formas de métodos de ensino de filosofia: o histórico, temático e problematizador. E examina cada um deles destacando alguns pontos críticos em nome de um ensino de filosofia que proporcione ao aluno uma compreensão sensível da filosofia, com objetivo de formar o fazer e o pensamento filosófico, ou seja, o ato de filosofar no aluno.

Aqui, neste trabalho, destacou-se a abordagem metodológica da problematização, que relaciona de forma adequada as outras duas formas apresentadas por este autor, pois é possível a partir da experimentação da problematização própria de cada um dos alunos, de forma autônoma e participativa,

aproximar os temas com explicações históricas da filosofia. O que muda principalmente é a liberdade de escolha e participação do aluno neste processo, pois ao contrário dele receber informações sobre história da filosofia, ou temáticas escolhidas pelo professor, ele participará do processo com a experimentação de indagações e problemas da filosofia.

O professor neste caso, deve ser formado e estar preparado para orientar e mediar o estudante a pensar sobre o que eles se perguntam no dia a dia que podem ser respondidos de forma filosófica. E dessa forma, o amparo do professor como um mediador entre o problema e o ato de filosofar é fundamental, pois é neste lugar-tempo que o professor poderá participar junto a construção de respostas filosóficas dos alunos, trazendo conteúdos e temas historicamente situados, que estarão de acordo com os parâmetros curriculares nacionais para o ensino de Filosofia no Ensino na escola básica.

Palácios (2014) desenvolve a ideia de que os alunos adolescentes, elaboram problemas que, muitas vezes, foram os mesmos problemas abordados pelos Filósofos ao longo da história. Portanto, essa palavra “Filosofia” que significa o amor pelo conhecimento, e que assim foi definido para delimitar uma área na qual as pessoas se dedicavam a desenvolver perguntas sobre a realidade, assumindo a sua própria ignorância sobre qualquer assunto que cause espanto, só pode ser realizada por aquele que filosofa, ou seja, o ensinar filosofia deve ser o ato de filosofar. E, neste sentido, os alunos do ensino médio, por exemplo, quando suscitam algum problema da sua vida real e este problema pode ser problematizado por um professor-orientador-mediador-filósofo, aproxima clássicos da história da Filosofia aos problemas do cotidiano, são os próprios filósofos do seu saber. Pois nesta relação entre problemas suscitados pelos alunos e a orientação dada pelo professor, para solucionar problemas e perguntas, é que pode nascer o ensino de Filosofia.

O professor mediador, buscando nos textos dos filósofos, e interpretando-os de acordo com sua próprios sentidos e métodos, adequados, para que seus alunos compreendam aquele autor da melhor forma possível, orientando-os para que todo o grupo entenda os seus problemas, como problemas universais e humanitários, como por exemplo os temas-problemas Ambientais, que podem, por vezes, atravessar a história da humanidade, e que, por isso, podem existir diversas explicações, ou levantamento, de novos problemas que se inter-relacionam.

Na Filosofia, a pergunta do aluno em relação aos problemas simples do seu dia a dia, pode, portanto, ser um bom problema filosófico, ou seja, sua simples pergunta pode ser o início de um grande diálogo filosófico no meio escolar.

1.5.2. A formação do professor de Filosofia e sua atuação em sala de aula: o dilema entre ser filósofo e ser professor

Para destacar um problema com os alunos em sala de aula requer uma formação apropriada dos professores que assumem essa posição de mediador e a história da formação em Filosofia no Brasil esteve inclinada a uma formação eminentemente de conteúdos clássicos voltados para leitura, produção e interpretação destes, restando pouco espaço para a docência em Filosofia, dado quem vem se alterando com os anos, possivelmente em decorrência da exigência da Filosofia como obrigatória no ensino médio. Então fica a pergunta: A metodologia da problematização representa para a Filosofia um abandono ao ensino dos tradicionais Clássicos ou mesmo a história da Filosofia? Muitas críticas a metodologia da problematização são feitas nesse sentido, mas há possibilidades para planejar aulas de Filosofia no Ensino Médio aliando a problematização, as construções históricas dos conceitos e a leitura dos Clássicos.

Carvalho e Cornelli (2013) analisa que a tradição do modo de fazer ou ensinar filosofia no Brasil, teve grande influência pela escola Francesa de Filosofia, a tradição do ensino de filosofia era ensinar com base na história da Filosofia, ou seja, considerando seus fatos cronológicos, suas verdades enquanto um tempo situado no acontecimento factual.

A estrutura da Filosofia se desenvolve neste patamar a partir da estrutura da História da Filosofia, caracterizando o estruturalismo no Ensino de Filosofia. Esta tendência era também chamada de bacharelismo e até a chegada, do que foi chamada influência alemã, essa tradição era o que era Filosofia no Brasil. Mas perguntou-se se isso era mesmo filosofia, ao passo passa a entender outras compreensões de Filosofia que indica com máxima: Filosofia não se ensina, no máximo se ensina à Filosofar. Essa influência delineou outro modo de compreender a filosofia e seu modo de ensino. Passa-se então a considerar os autores, ou seja, os filósofos e seus pensamentos, buscando entender suas ideias, suas teses, argumentos, métodos, num espaço tempo situado com determinadas significações.

Invertendo a lógica do raciocínio de saber sobre os dados cronológicos históricos para saber sobre a relevância e significações das verdades de determinada época expressa em determinados conceitos de determinados autores.

A filosofia passa a ser concebida como algo que o próprio leitor de filosofia a interpreta em um ato de filosofar, já que atribui ao texto suas interpretações, compreensões e significações de acordo com “suas verdades” situadas em tempo e espaço presente e subjetivo. Algumas considerações foram feitas por Cavalho e Cornelli (2013) sobre a compreensão do que é filosofia e suas mudanças na história: tempo lógico x cronológico, atividade significativa x atividade objetivante, essencial é uma certa estrutura, verdade material e responsabilidade filosófica.

Para argumentar sobre o tema, Carvalho e Cornelli (2013) volta aos escritos de Kant, sobre a distinção entre conhecer e pensar. Esses argumentos indicam que a Filosofia pode ser compreendida por dentro da leitura do autor específico, pois nele mesmo estarão as verdades significativas dentro do próprio sistema lógico do autor estudado, retirando a objetivação da Filosofia que trata os conceitos apenas como objetos que requer método, forma e funcionalidades objetivas que correspondem a uma verdade no mundo sensível material.

Para Carvalho e Cornelli (2013) a forma moderna de interpretar a Filosofia se distancia do que é a materialidade como possibilidade da verdade na construção do texto para se aproximar da construção do discurso, do pensamento como formas de fazer filosofia, mantendo um critério de unicidade interna do texto, enquanto conceitos, verdade, métodos e funções. Trazendo a possibilidade de distanciamento entre conhecimento e razão, sendo nesta filosofia, o conhecer sobre as verdades do mundo uma quase impossibilidade, o que se pretende é assumir que todo e qualquer forma de filosofar é uma atribuição de significações que se realiza quando existe o pensamento sobre algo. Esta filosofia requer uma responsabilidade filosófica e deixa o ser livre das obrigações das verdades cronológicas.

O conceito de verdade construído pela ciência deve ser revisto quando se quer organizar o Ensino de Filosofia a partir da concepção da problematização como conteúdo legítimo no processo de ensino aprendizagem.

A base da ciência é constituída de dados empíricos, dados experimentais. Em uma entrevista concedida para Carvalho e Rabelo (2013), Hugh Lacey, afirma que os dados empíricos, não podem deduzir teorias, pois as teorias são muito gerais e contêm hipóteses que envolvem elementos não observáveis. A ciência apresenta várias teorias que por vezes, são competidoras entre si, para analisá-las e discernir qual seria a melhor ou mais adequada, o critério seria o valor cognitivo, por exemplo o que indicaria se uma teoria é adequada empiricamente e possa gerar previsões em relação aos dados empíricos. Os objetivos epistêmicos estão ligados a valores cognitivos para Hugh Lacey são três, a ligação do conhecimento científico com a noção de controle da natureza; o papel dos experimentos para o estabelecimento de conhecimentos científicos; e a matematização da natureza. Sobre o controle da natureza é o que hoje se vê na tentativa de dominar a natureza para o progresso tecnológico. No nível de valores cognitivos isso significa a relação das teorias com dados empíricos, principalmente a experimentação destes dados. Nesta concepção moderna, os objetos técnicos, objetos experimentais tornaram-se os objetos exemplares, modelo de explicação científica, e também da estrutura e das leis que as governam. Porém, este autor também indica outros valores que influenciaram os caminhos que a ciência construiu na modernidade, como a relação com a Igreja, e a manutenção da sociedade, o valor ético, o valor social, o valor econômico e histórico, que acaba subordinando a questão do domínio e controle da natureza em outros valores não-cognitivos, mas que hoje em dia não tem nenhum valor legítimo na avaliação das teorias. Bons exemplos de subordinação da ciência a outros valores são os casos da indústria farmacêutica, dos transgênicos e da exploração das fontes de energia, para Lacey isso traz implicações inclusive sobre a integridade da ciência, e para que isso não aconteça, é importante que as questões de valores éticos, por exemplo, não sejam reduzidas as questões científicas.

No Ensino de Filosofia lida com o conceito de verdade em seus conteúdos, mas esse conceito pode ser construído a partir de outros métodos racionais, que não apenas aqueles científicos e acumulados historicamente que estão presentes no livro didático do aluno do Ensino Médio. O método racional baseado na razão natural, com base no sentido, intelecto e linguagem, opõe fato e valor. Pois o método racional é suficiente para decidir acerca da verdade ou falsidade das hipóteses ou teorias dos acontecimentos naturais, garantindo a

universalidade. Ele é propedêutico ao método científico, e garante também a autonomia das práticas científicas, com base nos juízos de fatos sem imposições de fora, como política ou religião. Essa dicotomia entre fato e valor elaborada por Galilei encontra-se evidente na teoria heliocêntrica de Copérnico, e foi posteriormente percebida por David Hume, evidenciando a neutralidade cognitiva do Método Científico, e sua autonomia em relação qualquer valor externo, como prejuízos, predileções, gostos, vieses interpretativos. O que é compatível com um conjunto de critérios (valores) cognitivos (epistêmicos), no qual o interesse e prática encontra-se inteiramente no entendimento dos fatos estudados. Relação que pressupõe o método experimental, que combina hipótese/ teoria e controles experimentais, permitiu que a ciência se mostrasse eficaz para conduzir um conhecimento objetivo sobre os fatos. O controle da natureza trazido por esse método, também contribuiu para libertar a humanidade das limitações impostas por essa natureza. Neste método, os fatos servem de pressuposições para a sustentação de valores e suporte para os juízos de valor. A avaliação científica pode incluir não só considerações científicas, mas também a sustentação de juízos de valor social, pois a dicotomia estrita entre fato e valor é insustentável. Não existe apenas mais valor cognitivo para explicar a natureza, mas também valor social, neste é impossível separar a técnica (na modernidade entendido como, campo prático da ciência, aplicação das teorias) do ser humano, ou a técnica da sociedade. O que Mariconda (2013) chama de reforço mútuo entre ciência e controle da natureza pela tecnologia, com estratégias descontextualizadas de controle e o progresso tecnocientífico. A predominância desse reforço mútuo, traz a valorização moderna do controle, como legítima e única, e que, portanto, não há outras perspectivas de valor, racionais, disponíveis, a consequência disso, transforma o controle no destino dos seres humanos, um determinismo técnico. Na contemporaneidade esse o método que pressupõe a imparcialidade, autonomia e neutralidade, acaba por servir aos interesses do capital e do mercado e participará do circuito de mercadorias do mundo globalizado.

1.5.3. Sobre o jovem criador do seu saber na escola

Quanto a razão e aprendizagem, Kant (1775-1796) propõe um método para a aprendizagem de Filosofia, que compreende desenvolver no aluno primeiro o entendimento, depois a razão e por último, a instrução. Essa última etapa, para o próprio benefício da aprendizagem, é inalcançável, visto que o aluno aprende para a

vida e não para instrução erudita de cultura escolar. Para Kant, se o aluno adquire instrução, ele terá uma razão imitada, ainda antes do seu conhecimento ter se desenvolvido, ele terá uma ciência emprestada, que não cresceu nele, mas que lhe foi dependurada, colocando a aptidão intelectual como algo infrutífero corrompida num grau maior pela ilusão da sabedoria. E por esta razão que os homens bem instruídos mostram pouco entendimento, e por essa razão também que as academias é o lugar que mais possui pessoas com as cabeças cheias de inanidades. Por isso para ele, o conhecimento não deve aprender pensamentos mas aprender a pensar. O método de fazer pensar é um método para alunos maduros, porém quando o aluno chega para estudar Filosofia ele já se habituou a aprender e pensa que na Filosofia ele vai aprender também, como se fosse possível acessar um livro que mostrasse o que é a Filosofia. Este tal conhecimento reunido em um livro, seria impossível, já que o método da Filosofia é zetético, ou seja, é o método da investigação. Quando se estuda um autor da História da Filosofia, por exemplo, não se deve ser considerado como paradigma do juízo, mas deve procurar a proficiência no método de refletir e fazer inferências por si.

Dessa forma, a Filosofia não necessariamente deve assumir o livro didático como guia das aulas, mas pode ao contrário ter o livro como referência de respostas as problematizações em aula, trazendo o aluno para pensar temas de ensino relacionado a sua própria vida, ao ambiente em que ele vive, e que deve ser pensado e estudado não apenas por uma área ou matéria escolar, mas deve ter o envolvimento em projetos inter, trans e multidisciplinar.

1.5.4. A filosofia e a trans, multi e interdisciplinaridade: a possibilidade ambiental

Mattar, Tomazetti e Danelom (2013) afirmam que os conhecimentos abordados pela filosofia na escola podem estar dispostos no currículo de modo transdisciplinar, trazendo conhecimentos interdisciplinares por ela. O que seria de acordo com aquilo que se pensa o que é filosofia. Uma área em que se compreende a partir dos filósofos conhecimentos a respeito de outras áreas, vindo de fora do próprio conhecimento o argumento para entender interdisciplinarmente, as diversas áreas do conhecimento. Porém, esta posição da Disciplina Filosofia na escola, desfavorece questões institucionais, como por exemplo, a presença de professores

formados em Filosofia para atuar especificamente nesta disciplina. Esta área na escola, muitas vezes, foi assumida por diversos professores com outras formações, já que, a Filosofia, por muitos anos no Brasil não era obrigatória na escola enquanto uma disciplina formal. Apenas a partir de 2008 com a nova legislação é que se pensa novamente o lugar da Filosofia na escola como uma disciplina específica, que deve assumir o lugar de fazer o aluno se aproximar das questões sobre ética e civilidade.

Na condição de disciplina a filosofia ganha espaço de atuação dos professores formados especificamente em Licenciatura de Filosofia, abrindo possibilidade para atuação de profissionais formados especificamente para trabalhar com essa temática dentro da escola. O desafio atual parece ser a formação deste profissional, que historicamente no Brasil não tem aproximações com a docência. A tradição da Filosofia foi construída longe da escola, era uma busca pelo puro Filosofar, e escolas de formação em nível superior, tanto nos seus currículos, como nas práticas de estágios e perfil do egresso, não estão voltadas para uma formação do docente de Filosofia para a escola Básica.

Mattar, Tomazetti e Danelom (2013) afirma que para a Filosofia encontrar seu caminho entre as diretrizes atuais, que é aproximações a História da filosofia, e, também, o estudo de temas e problemas filosóficos, é necessário que haja formação de professores voltada para pensar, problematizar e estabelecer o que é a Filosofia na escola hoje.

Apesar dessa realidade desfavorável para atuação do professor de Filosofia que se baseia na metodologia da problematização, pode-se encontrar diversos casos de professores de Filosofia com iniciativas inovadoras em sala de aula, como é o caso da pesquisa realizada na Universidade Federal do Paraná que envolveu professores de Ciências, Geografia, Educação Física e Filosofia em um único projeto interdisciplinar e ambiental, exigindo novos posicionamento didáticos de todos os envolvidos neste processo.

1.5.5. A didática a interdisciplinar e a formação crítica dos alunos em temas atuais da Educação Ambiental

Ser professor mediador que se propõe trabalhar com a Educação Ambiental, requer um bom entendimento da matéria que se ensina, pois é importante organizar o plano de estudos de acordo com as especificidades da própria Filosofia articulando-os com princípios da Educação Ambiental:

- I - O enfoque humanista, holístico, democrático e participativo;
- II - A concepção do meio ambiente em sua totalidade, considerando a interdependência entre o meio natural, o sócio-econômico e o cultural, sob o enfoque da sustentabilidade;
- III - O pluralismo de idéias e concepções pedagógicas, na perspectiva da inter, multi e transdisciplinaridade;
- IV - A vinculação entre a ética, a educação, o trabalho e as práticas sociais;
- V - A garantia de continuidade e permanência do processo educativo;
- VI - A permanente avaliação crítica do processo educativo;
- VII - A abordagem articulada das questões ambientais locais, regionais, nacionais e globais;
- VIII - O reconhecimento e o respeito à pluralidade e à diversidade individual e cultural (BRASIL, 1999)

Os princípios da Educação Ambiental abrem muitas possibilidades para conteúdos diversos na Filosofia, pois a característica da Educação Ambiental não é ensinar conteúdos, mas sim organizar o ensino de modo a repensar determinados temas que envolvem, valores, condutas, moralidade, ética do ser humano em relação a natureza. Nesse sentido, a Filosofia têm objetivos e conteúdos pedagógicos que pode ser entendida como uma *práxis*, que se dirige ao outro visando sua autonomia crítica, ensinando, ao mesmo tempo como foram construídos e como podem ser preservadas realizações humanas, produções da arte, da engenharia ou da medicina. O ensino deve oferecer a capacidade de reflexão, e ao mesmo tempo ir na própria realidade como um todo, partindo dos elementos: imersão na cotidianidade, a presença latente da universalidade, o exercício da reflexividade, e seu inacabamento essencial. Com base na Educação Ambiental a filosofia pode ser planejada de forma que se relacione a outras matérias e outros conhecimentos escolares, que estão dispostos no Currículo. O professor, neste contexto, deve saber a relação da sua matéria e dos objetivos gerais do projeto ambiental para a formação do aluno, para que sua disciplina não se torne algo vago e distante da realidade. A contextualização desta formação deve perpassar por uma necessária conversa entre as disciplinas e estar relacionada com o cotidiano, o que acontece na vida do aluno, na escola, na sala de aula, na família e com os amigos, no mundo social e cultural. Os problemas ambientais podem ser problemas geradores de conhecimento e conteúdos específicos da Filosofia, pois neles estão

contidos valores e interesses que são assuntos para se questionar em filosofia. Fazendo conexões entre conceitos relevantes e também de problemas fundamentais, criando possibilidade para a formulação de argumentos e pensamento crítico. Por isso, as avaliações de filosofia não devem ser por provas, pois nenhuma das respostas devem estar erradas, já que ela é subjetiva. E é importante que a Filosofia envolva os jovens nas aulas em torno de uma boa argumentação sobre sua realidade hoje, e distante de posições dogmáticas. Para isso, não se pode apenas organizar aulas que tem uma organização didática como uma receita de bolo, que começa por conteúdos de lógica e introdução a filosofia, depois segue com aulas de teoria do conhecimento e por último aula de ética e política, isso perderia o sentido de debate das questões filosóficas ambientalistas, que deve buscar um ponto ideal de estranhamento e entendimento.

Nos debates filosóficos em sala de aula, o uso da Filosofia clássica deve estar de acordo com os temas da Educação Ambiental, pois o conteúdo do que ensinar, deve estar estritamente relacionado com a forma de ensino, envolvendo opiniões sobre os assuntos, com instrumentos e métodos filosóficos, conceituando e construindo bons argumentos, e estabelecer contato com textos filosóficos. Sendo objetivo desta organização pedagógica formar consciência crítica a partir da leitura de problemáticas da vida, do meio ambiente. Os problemas ambientais estão em todas as mídias e vêm aos poucos se tornando comum em debates e conversas entre as pessoas, é preciso fazer o aluno pensar sobre a correlação entre esses temas problemas e sua própria vida, debater transportes alternativos, ou consumo e estratégias para outras relações do ser humano com a natureza, por exemplo, podem ser temáticas importante e atuais para o ensino de Filosofia no ensino Médio.

1.5.6. O que cobrar dos alunos na metodologia da problematização: Avaliação processual

Na organização metodológica da problematização o professor também avalia o aluno, porém esta avaliação deve estar coerente com o modo que se organiza a matéria. Tratar de questões ambientais e avaliar em Filosofia deve estar para além de uma didática instrumental, que se propões apenas a medir e quantificar os alunos, e isso não significa o abandono do planejamento e dos livros didáticos

dos conteúdos formais, e por outro lado, não é o espontaneísmo vai favorecer uma didática na qual estudantes possam problematizar, conceituar e argumentar qualificadamente seus pensamentos e ações. Assim, de acordo com Gontijo (2013) a Filosofia pode contribuir para a compreensão dos problemas e conceitos das ciências em geral, das artes, buscando ambientes que favoreçam a relação entre conhecimento filosófico e conhecimento de senso comum e para uma preparação da vida em sociedade. Desta forma avaliar se torna uma tarefa interessante, tendo que na filosofia, não há apenas uma filosofia, mas sim filosofias, e para cada uma delas, um método diferente, coerente com os seus autores fundamentos e procedimentos metodológicos. Ou seja, não há o que é certo, ou errado, mas, talvez, aquilo que esteja mais adequado para determinado lugar, tempo e espaço do sentido a argumentação. Compreendendo que aprender a filosofar é aprender métodos, exercícios, técnicas hábitos, disposições e valores filosóficos.

Com Educação Ambiental, a contextualização do mundo vivido pelos estudantes, a filosofia pode deixar de parecer algo distante do cotidiano. Os jovens e mesmo as crianças já pensam em perguntas que questionam a existência, os valores e atitudes suas e das pessoas que o cercam no dia a dia, de modo complexo, e interdisciplinar, a filosofia pode aproveitar essas perguntas, como forma de filosofar, aproximando os conteúdos e autores da Filosofia aos problemas ambientais do mundo e ao contexto do aluno. Portanto, a avaliação deve ser constante, é preciso avaliar o aluno, o professor, o processo de ensino e aprendizagem, os conteúdos e as participações de cada um dos estudantes. É importante sinalizar no Projeto Político Pedagógico uma avaliação para além da perspectiva somativa/classificatória e/ou diagnóstica/ corretiva, mas sim uma avaliação processual que seja coerente com o que a Filosofia se propõe, formulação de conceitos e argumentos sobre o mundo. A avaliação não precisa estar pautada em aspectos morais, de certo e errado, mas pode ter uma dimensão estética envolvendo outros professores e alunos.

Segundo Gontijo (2013) ao final do processo educativo de um planejamento, é importante que o aluno traga uma compreensão da aula como “Rizoma”, que nos abre a possibilidade de pensar em uma avaliação diferente para cada espaço, tempo e realidade da aula de Filosofia, pois se caracteriza como algo desmontável, conectável, reversível e com múltiplas entradas e saídas. Aula

como uma multiplicidade de possibilidades de existência. Aula que vai sendo cartografada, que tem seus contornos, suas bifurcações, seus relevos compostos e decompostos. Essa concepção de aula traz a concepção de uma avaliação processual articulada ao próprio movimento da aula, ou seja, processo pelo qual o professor está conectado com aspectos relevantes que os estudantes trouxeram e aberto a rever os seus próprios planejamentos de conteúdos e métodos de avaliação e de ensino de acordo com a realidade de cada vivência e experiências nas aulas.

1.5.7. A indissociabilidade do ensino e da vida no Ensino Médio

A avaliação processual de conteúdo do Ensino de Filosofia é favorecida também pelo princípio da indissociabilidade pesquisa e ensino. De acordo com Rodrigo (2009) isso favorece o processo de construção de conteúdo, a partir de um saber especializado. Isso gera um processo de construção de um saber, métodos, conteúdos e avaliação, reformulados didaticamente na escola, a partir de um saber Filosófico que traz a tradição histórica de autores e pensadores. Este saber produzido, não significa que o professor necessite ser produtor de um conhecimento original filosófico, mas significa que ele vai produzir conhecimentos modificados e adaptados para atender as necessidades dos alunos do ensino médio. Essa reformulação do saber de referência para conhecimento escolar representa uma forma própria e específica do discurso do professor em conjunto com os alunos. Este saber ensinado na sala de aula não pode ser originário apenas do livro didático, mas deve a partir de livro didático e também de textos filosóficos originais, construir outro tipo de conteúdo didático, que não é a cópia, leitura e interpretação de textos clássicos da Filosofia e tampouco o livro didático que reduz e modifica o conhecimento original.

As pesquisas realizadas nas Universidades sobre Filosofia e a capacidade de argumentação lógica Filosófica que o Filósofo tem como características fundamentais, não expressam o que o professor exerce enquanto sua função de reformulador dos conteúdos, do saber de Filosofia. Pois a complexidade e profundidade de interpretação e produção dos textos filosóficos estão distantes da realidade escolar, que hoje é caracterizada pela massificação e redução do conhecimento originário presente no sistema escolar e nos livros didáticos. O

professor no ensino de Filosofia de certo modo tem uma independência em termos de forma, metodologia e conteúdo da filosofia Histórica e Clássica ensinada no Ensino superior e nas pesquisas em Filosofia. A produção do saber e a didática do Professor de Filosofia no ensino médio se reconfigura em objetivos socioeducativos adequados a realidade do aluno, não seguem apenas padrões e exigências essencialmente e fundamentalmente lógicas. O discurso do Filósofo e do Professor de Filosofia, acaba por ser diferente dele próprio. O professor vive o dilema do duplo aspecto diante da reformulação do saber da Filosofia, ao mesmo tempo que se ganha em acessibilidade, perde-se em complexidade teórico reflexiva, é ao mesmo tempo simplificação e complexidade, de caráter mediador e transitório que deve com o tempo ser superado.

É no ensino médio então que a Filosofia tem grande potencial para relacionar as diversas áreas do conhecimento produzido pelas humanidades e constituída nos currículos escolares como matérias a um projeto de Educação Ambiental.

Segundo Carvalho e Cornelli (2013) quando um professor de filosofia seleciona um tema-problema juntamente com os alunos, para ser conteúdo, ele pode buscar estimulando os alunos a identificar problemas relacionados as questões ambientais do mundo contemporâneo, que sejam pertinentes a sua vida. O que pode ser considerado como problemas de filosofia, os que apresentam paradoxos na sua compreensão. Ao abordar esse tema-problema, por exemplo o paradoxo da civilização atual que é desenvolvimento tecnológico e destruição ambiental, atual juntamente com os seus alunos, o professor ao pesquisar para compreender o tema e proporcionar aproximação dos alunos ao problema pretendido, ou mesmo quando o professor busca trabalhar juntamente com seus alunos os textos clássicos que abordam esses temas problemas, ele estará entrando nas explicações filosóficas deste autor, ao buscar a compreensão deste autor, o professor pesquisador faz uma exegese histórica do texto, ou seja ele vai buscar compreender o texto e sua estrutura, seus conceitos e sua significação de acordo com aquele autor e abordado. Ao buscar essa compreensão é importante que se compreenda o texto e suas relações com o tempo histórico, a cultura, conhecimentos sobre geografia, economia etc. Inclinando necessariamente a compreensão para fundamentos nas diversas áreas do conhecimento, buscando uma inter-relação entre as áreas, uma necessária

interdisciplinaridade, quando se trata de conhecimento ambiental para compreender as explicações daquele momento em que aquele determinado texto que abordou determinado tema-problema.

A leitura filosófica de textos, clássicos ou não, fornecem ao professor a possibilidade para trabalhar com as produções das humanidades proporcionando um espírito crítico em seu próprio tempo, pois nesta relação de compreensão do passado e tempo presente é que o aluno tem oportunidade de se reconhecer enquanto alguém que lê e produz conhecimento neste mundo.

A filosofia, neste caso, é em si mesma, a promotora do espírito crítico reflexivo em relação as condições de vida no planeta, pois permite ver de fora os conhecimentos produzidos e assim poder analisa-los sob outro aspecto que não somente aquele interno do próprio conhecimento.

1.6. A Educação Ambiental como tema-problema nas aulas de Filosofia

1.6.1. Sobre a liberdade de conduta e a Educação Ambiental

Esses problemas que são paradoxos da Filosofia são relevantes para serem aprofundados, pois o professor pode fazer o aluno refletir sobre a ação política de cada na sociedade e como essa ação contribui ou não para os problemas ambientais. Desta forma, o professor terá a possibilidade de debater a questão ambiental e assuntos relacionados a liberdade de ação e de conduta como questões da moralidade e da ética.

Buscando aprofundar o tema da liberdade, Machado (2010) argumenta que é um pressuposto da conduta guiada por responsabilidade moral, pois se entendemos que o ser pode escolher, ele terá pressupostos, fundamentos, princípios, verdades, valores, entre outras variáveis que influenciarão da sua escolha moral. Se não há possibilidade de escolha, por Determinismos causais, teológico, ou lógico, não há possibilidade de escolha, o que nos inclinaria a acreditar que também não há possibilidade de punição. Exemplo: se caso uma pessoa escolher uma conduta que acarretará em consequências ruins para outras pessoas, com base no Determinismo, não se poderia pensar em punições, pois ela não teve condições de fazer escolhas morais, ela foi determinada a ter aquela conduta. Então nesse caso todas as pessoas, hoje, escolhem condutas que agredem ou destroem a natureza

por determinadas condições do modo de organização da sociedade e não por livre e consciente escolha. O que seria necessário estimular o pensamento sobre condutas morais e éticas de um jovem em formação no Ensino Médio.

Por exemplo, um problema de Filosofia pode ser em relação ao uso de transportes urbanos poluentes, como carro e ônibus. Estimulando o problema como: Se toda conduta é uma conduta determinada, seja ele causal, teológico, ou lógico, logo, para determinada conduta houve livre opção de escolhas, o que pressupõe uma conduta sem responsabilidade moral. Na condição Civil do ser, não se pode abandonar a tese de que há responsabilidade moral, pois isso acarretaria também em não julgar as consequências, punir, ou valorizar qualquer conduta, já que essa conduta necessariamente acontecerá por algum tipo de determinismo e não por responsabilidade moral.

1.6.2. Sobre a sociedade e a moral como tema-problema da Educação Ambiental

Entre os jovens essa questão da moralidade e participação política na sociedade é crucial, já que hoje muitos se afastam cada vez mais da possibilidade desse tipo de conversa e tende a se alienar em relação ao assunto.

Para Nascimento (2013) o autor Comte-Spoville afirma que a questão moral representa, nos dias atuais, um retorno a recusa pela política, e um retorno as ações morais. Como, por exemplo, participação e luta pelos movimentos ambientalistas, pela liberdade sexual, direitos humanos, e contra mundialização. Para ele, este fenômeno acontece devido explicações históricas. O Brasil passou pela experiência de ter um governo Ditatorial, com base na moral como fundamento das condutas políticas. Os movimentos ao longo da ditadura são de manifestações contra essa moral instituída pela política, levando a busca pela libertação desta moral. Após a abertura da ditadura e instalação da Democracia, nos dias atuais, é possível perceber um descrédito dos jovens em relação à política. Para este autor, isso ocorreu em virtude da derrocada do socialismo político, da burocratização da política, e das evidências da ausência de comprometimento de políticos na democracia. Acarretando um afastamento dos jovens as questões políticas.

O não aprofundamento das questões sobre moralidade pode acarretar em substituição da moral pela política, abrindo brechas para um domínio ditatorial, na qual a política é guiada por ações corretas para guiar as condutas. Segundo Nascimento, Comte-Spoville argumenta que moral como uma forma de opressão, um conjunto de normas criadas para impedir a libertação geral dos indivíduos, tanto individualmente, como socialmente, à medida que tais normas nada mais eram do que a expressão de uma visão de mundo particular. A moral, portanto, era um instrumento de dominação que devia ser rechaçado radicalmente. Pensando do meio ambiente: qual a moral, desenvolver ou preservar?

Essa questão passa então para o assunto sobre modo de organização da sociedade e moral. Em relação ao desenvolvimento econômico e a preservação da sociedade, fica a pergunta: O Capitalismo é Moral? Para Nascimento (2013) Comte-Spoville responde que não, pois a forma econômica de organizar politicamente o estado, regida pelo lucro, na maioria das vezes não é possível princípios morais. Ainda que o capitalista queria ter condutas morais isso seria incompatível com a lógica econômica capitalista.

Neste momento do ensino de Filosofia é oportuno trazer para o debate clássicos da Filosofia. Como o autor Marx, e no lugar de fazer uma leitura unilateral dos Clássicos pode-se contrastar com outros autores contemporâneos, como o texto construído por Nascimento (2013) que traz opiniões diferentes sobre o mesmo assunto.

Para Comte-Spoville a transformação do modo de produção econômica para uma sociedade igualitária entre os homens proposta por Marx, é uma proposta que moraliza a economia política, pois idealizou um outro tipo de economia que permitisse igualdade econômica entre os homens, e que possibilitasse condutas morais na sociedade. Para ele está é a visão utópica, pois não teria como moralizar a economia.

Fausto, analisado por Nascimento (2013) analisa o assunto trazendo para o centro do debate o termo utopia. Uma sociedade sem utopias, é uma sociedade sem ideais, sem perspectivas de mudanças no futuro, por outro lado uma sociedade sem interpretações realistas, é uma sociedade que tem dificuldades de gerir o existente. Pensar Educação Ambiental, é pensar em uma possibilidade utópica de convivência? Já que que direciona as condutas para um futuro responsável, melhor

entre todos, nessa, ou em outra sociedade, mesmo que isso não seja possível no atual modo de organização da sociedade.

A moral analisa Fausto, segundo Nascimento (2013) estaria presente na proposição de uma outra possível sociedade utópica, idealizada por Marx, que se baseia em um sistema econômico justo, igualitário e que os homens tenham direito ao trabalho livre, sem explorações do homem pelo homem. Por isso, o capitalismo não seria um sistema moral, pois não permitem reais escolhas. Uma sociedade organizada de modo que os homens tenham iguais oportunidades e que permita a liberdade de escolhas na qual reside a real possibilidade de condutas morais, seria uma outra sociedade, com outras estruturas na qual política e moralidade estão entrelaçadas de modo dialético e contraditório.

Pois a questão fundamental no capitalismo é entender a exploração da força de trabalho que Marx analisou pela categoria da contradição, tal como é a construção de todas as teses elaboradas por este autor. O trabalho explorado é aquele que possui um valor, de acordo com determinado cálculo de horas e valor o valor de mercado, tal como se calcula um valor de mercadoria, o lucro está justamente entre o que o capitalista paga, pelo serviço do trabalhador, e o que este mesmo trabalhador produz nas horas que ele se desprende para produzir tal mercadoria. Para Geras, segundo Nascimento (2013) isso reflete dois aspectos: um que é na esfera da circulação, uma troca igual, fruto do contrato estabelecido entre contratante e trabalhador, e outro aspecto social que reflete a coerção do trabalho por algumas horas sem recompensas.

Para Fausto, em Marx a explicação da exploração do trabalho no capitalismo é condição contraditória em si mesmo e carrega a teoria da existência e ausência da justiça. Na sociedade economicamente estabelecida pelo capitalismo, a relação de contrato entre o capitalista e o trabalhador é livre, sob aspecto econômico. A relação de contrato de trabalho é estabelecida de acordo com as regras econômicas, e nesta relação não há nenhum tributo de justiça. E de outro modo, pode ser identificando o atributo da justiça, quando se analisa como esse trabalho é coercitivo na sociedade capitalista, coagindo o trabalhador a aceitar situações de salários economicamente injustos, caracterizando a exortação da mais valia. É uma explicação dialética para o problema da moral e da exploração do

trabalhador, carregando a categoria da contradição no argumento para compreensão da tese central.

“O que Marx faz é expor a contradição do sistema com os princípios que o próprio sistema assume. Marx não declara nenhum princípio moral a priori, ele apenas reconhece os valores da igualdade e liberdade declarados pelo próprio capitalismo, mas demonstra como estes princípios são negados pela reprodução interna do processo econômico. Ele não opõe ao capitalismo valores morais que julga superiores nem muito menos faz uma crítica ao capitalismo a partir de uma ideia utópica de sociedade. “ (NASCIMENTO, 2013, p. 80)

Portanto, para Fausto, de acordo com Nascimento (2013) pensar o capitalismo e a moral, significa pensar dialeticamente a questão. Pois ele é e não é, ao mesmo tempo, nem moralizante nem anti-moralizante (e nem mesmo amoralizante). Essas teses opostas são possíveis pela dialética que compreende a contradição como um dos seus princípios para compreender o fenômeno. O que seria outro possível tema para debater com os jovens em sala de aula, a dialética na filosofia. O agir em sociedade, a livre escolha das condutas, guiadas pelo sistema ou nesse mesmo sistema estão a possibilidade de novas atitudes? Se todos querem fazer uso do carro particular por diversos motivos, eu também vou fazer esta escolha? O que leva a escolher ônibus, bicicleta ou carro?

Para Fausto (apud NASCIMENTO, 2013), Marx expõe a contradição que existe em relação ao sistema capitalista, compreendendo que os princípios dos burgueses da igualdade, fraternidade e liberdade, e a exploração do trabalho não são possíveis de realizar em um sistema de produção capitalista, regida pelo lucro e exploração do trabalho. Para este autor, Marx não opõe a moral ao capitalismo, nem tampouco faz uma crítica ao capitalismo com base em uma visão utópica de sociedade.

1.6.3. Democracia ética e questão ambiental

Pensar condutas na sociedade atual os jovens no ensino médio podem buscar juntamente com o professor aprofundamento sobre o conceito de democracia, trazendo para o debate, autores que abordam essa temática. Segundo Werle (2013) o conceito de Democracia ainda não foi definido pelos autores que a buscam compreender. Também não há uma única definição para organização e formação da Democracia, além disso existem várias perguntas que

ainda não foram respondidas que a definiriam melhor, e poderiam indicar a forma de organização e realização do governo democrático. Por exemplo: Não está bem definido se as decisões democráticas são de um coletivo ou de representação de desejos e vontades individuais. Assim como também não está definido quais são as possibilidades de ações que um governante político tem para atuar, quando as decisões de um povo não está unanime, ou seja quando existem grupos diferentes fazendo opções políticas diversas e por vezes, opostas.

Contudo fica a pergunta: Há possibilidades na democracia de condutas de acordo com os princípios da Educação Ambiental? Uma das argumentações é que a participação efetiva de todos os cidadãos nos processos de decisão política torna a democracia um real poder do povo. Nesse sentido, os jovens devem assumir sua posição de forma livre nas decisões políticas, recorrendo ao atributo da razão, em práticas coletivas de autodeterminação e autogoverno, envolvendo a participação de todos os cidadãos.

De acordo com essa ideia, a democracia, mais do que um regime político e um procedimento formal de escolha de líderes, representa também uma forma de vida social na qual os cidadãos devem ter tanto as condições formais (um esquema igual de direitos fundamentais) quanto as oportunidades materiais iguais (renda e riqueza, recursos simbólicos e educacionais) de participarem ativamente nos debates públicos sobre as questões políticas fundamentais e as normas que regem a vida em comum. (WERLE, 2013, p. 89)

Nesse sentido, todos os cidadãos devem participar de forma ativa da vida pública e política, participando de todas as tomadas de decisão na polis, adquirindo o Ethos da política pública democrática. Esta democracia não pode estar voltada aos interesses dos grandes partidos, na lógica da competição, ele deve estar voltado para realização e organização de fóruns e espaços para debates públicos de participação deliberativa a todos os cidadãos, para além das instituições deliberativas. “Essas formas associativas e espaços públicos teriam de ser vistos não como formas de agregação de interesses, mas como espaços de formação racional de interesses e de deliberação sobre o bem comum. ” (WERLE, 2013, p. 90)

O problema da democracia está relacionado às assimetrias de poder e às desigualdades sociais, econômicas e culturais presentes nos resultados do processo político, pelo fato de os mecanismos de agregação não preverem nenhuma forma de bloquear ou diminuir a influência dessas assimetrias e desigualdades no processo

político. Não há nenhuma preocupação normativa na concepção agregativa de democracia para impedir a dominação ideológica, a predominância de interesses ou preferências dos grupos dominantes, bem como nenhuma forma de assegurar o respeito às preferências dos grupos minoritários. Seria a sociedade literalmente deliberando a política social.

Porém, num contexto de democracia de massas, com economia de mercado e com crescente pluralismo cultural, como no Brasil, a política não representa a maioria, os conflitos não são apaziguados, ao contrário, são acentuados nesse processo deliberativo, tornando-os cada vez mais acirrados e intratáveis, racionalmente falando, bem como a possibilidade de tornar as decisões práticas deliberações do governo, institucionalizando as demandas sociais. Segundo o autor esse processo deve levar em consideração os seguintes critérios:

- a) inclusão de todas as pessoas envolvidas; b) oportunidades reais e equitativas de participação no processo político; c) direito de voto igual nas decisões; d) direito igual na escolha dos temas e definição da agenda de discussões; e) formação discursiva da opinião pública sobre as matérias e interesses controversos que devem ser objeto de regulamentação (DAHL, 1990 apud WERLE, 2013, p. 93)

Werle (2013) argumenta que para garantir este modelo não apenas como utopia, é necessário oferecer mídia independente, garantir a formação de uma descentralização do poder por meio de várias assembleias deliberativas escolhidas de modo representativo e com informações específicas para resolver questões políticas.

No Ensino Médio as aulas de Filosofia quando buscam a participação dos jovens na construção do conhecimento em sala de aula e em projetos interdisciplinares como a Bicicletada (exemplo que será apresentado a seguir), está também oferecendo a oportunidade de inserir o jovem nos processos de decisão política da escola e auxiliando na formação crítica reflexiva dos futuros cidadãos.

2. A ORGANIZAÇÃO PEDAGÓGICA DA PROBLEMATIZAÇÃO NA ESCOLA: O PROJETO AMBIENTALISTA E INTERDISCIPLINAR DA BICICLETA NO ENSINO MÉDIO

As aulas de Filosofia apresentadas logo a seguir, estão articuladas com o projeto¹ sobre Educação Ambiental no Ensino Médio, desenvolvido em uma Escola da Rede Municipal de Curitiba, com a colaboração de Professores da Universidade Federal do Paraná, alunos e professores da Pós-graduação em Educação programa de mestrado, professores de Filosofia, Ciências, Geografia e Educação Física da escola, alunos da graduação. É uma rede de pesquisa, ensino e extensão que envolveu, as disciplinas da graduação: Currículos em Educação Física, Projeto Pedagógico em Educação Ambiental, bolsistas dos Projetos de Extensão, de Iniciação Científica e do LICENCIAR.

O projeto teve início em 2013 com o intuito de trabalhar com Educação Ambiental nas escolas, objetivando juntamente com a equipe gestora e os professores organizar possibilidades de projetos curriculares interdisciplinar que abordam a questão ambiental. O que foi abordado nesta monografia, é um recorte do grande projeto que está relacionado a valorização da vida em torno de rios na cidade de Curitiba, com intuito de fazer o aluno se entender enquanto um cidadão de uma cidade que possui diversos rios e “valetas” por toda a cidade e região. E, muitas vezes, esses rios não são reconhecidos como a própria água que precisamos para viver. Então o grande projeto, busca que os alunos e professores valorizem a relação entre ser humano e meio ambiente, oferecendo aos jovens ambientes de aprendizagem para conscientização enquanto um ser que cria tecnologias para modificar o meio que vive, mas através desta mesma tecnologia há possibilidades de outras relações menos impactantes e agressivas ao ambiente.

Neste grande projeto, fazem parte outros projetos pontuais que se articulam em rede, cada um deles têm sua especificidade e se desenvolvem em escolas de Regionais diferentes na cidade de Curitiba. Dentre esses projetos, o projeto da Bicicleta, foi destacado por ter a participação efetiva de uma professora

¹ Cabe observar que todas as anotações sobre as aulas de filosofia no Ensino Médio trazidas aqui nesta monografia, são compreensões particulares minhas, como coordenadora do Projeto na Universidade Federal do Paraná, e como aluna do curso de Especialização em Ensino de Filosofia no Ensino Médio, e não necessariamente os eventos e os temas foram abordados nas aulas desta forma que está disposto nesta monografia.

de Filosofia, e contou também com a colaboração de uma aluna da graduação bolsista do projeto Licenciar, de professores de geografia, ciências e Educação Física da escola.

Para iniciar o projeto na escola, o coletivo de pesquisadores da Universidade Federal do Paraná seguiu alguns passos necessários para uma primeira aproximação:

- a) Realização de visita nas escolas próximas a regiões de rio Essa região é identificada pelo *Google* mapa e tem como critério uma proximidade de no máximo 4 quadras de distância da escola;
- b) Diálogo com a equipe gestora da escola para identificar interesse em participar do projeto e as possibilidades de temas a ser desenvolvido com os professores da escola;
- c) Planejamento participativo com os professores envolvidos no projeto das atividades e aulas sobre Educação Ambiental;
- d) Conversa com os alunos envolvidos para saber qual interesse deles em participar de um projeto envolvendo determinadas matérias de ensino;
- e) Vivência e experiência das atividades do projeto;

No caso do Ensino de Filosofia, a professora planejou, juntamente com outros professores as atividades que seriam desenvolvidas durante suas aulas em um determinado período de tempo, que compreendeu em quatro meses letivos. A escolha da Bicicleta como eixo articulador do conhecimento, foi devido ao:

- a) A Educação Ambiental apresenta alguns objetivos que se adequam facilmente ao tema da Bicicleta, tais como: o desenvolvimento de uma compreensão integrada do meio ambiente em suas múltiplas e complexas relações, envolvendo aspectos ecológicos, psicológicos, legais, políticos, sociais, econômicos, científicos, culturais e éticos; o estímulo e o fortalecimento de uma consciência crítica sobre a problemática ambiental e social; o incentivo à participação individual e coletiva, permanente e responsável, na preservação do equilíbrio do meio ambiente, entendendo-se a defesa da qualidade ambiental como um valor inseparável do exercício da cidadania; o fomento e o fortalecimento da integração com a ciência e a tecnologia; o fortalecimento da cidadania, autodeterminação

dos povos e solidariedade como fundamentos para o futuro da humanidade. (BRASIL, 1999)

- b) Os jovens se interessam facilmente pelo tema-problema, já que os atrai devido a liberdade de mobilidade na cidade, com baixo custo. Além de ser uma atração em virtude de muitos esportes radicais praticados por jovens com o uso de bicicleta.
- c) A busca por alternativas de transportes menos poluentes é um dos fatores mais motivadores pela escolha desse tema-problema, pois atualmente os governantes de todos os lugares do plante a vêm repensando formas alternativas de fontes de energias, devido a grande problemática do petróleo ser uma fonte de energia esgotável;
- d) A responsabilidade do ser enquanto cidadão para repensar sua forma de mobilidade urbana, o impacto desta mobilidade para a sociedade atual e para as gerações futuras, trazendo o tema-problema para a questão da participação do cidadão na sociedade no campo da Filosofia da moral e da ética.

As aulas de filosofia trouxeram diversos debates em torno do eixo “Ética”, onde ela escolheu a “Ética ambiental” como conteúdo e denominou o módulo como: “Construindo uma cultura da Bicicleta”. Já a Professora de Educação Física, denominou o módulo como: “Bicicleta e Mobilidade”. Este módulo pode ser trabalhado dentro do conteúdo estruturante “Esportes” ou “Jogos e brincadeiras”, de vários autores clássicos e atuais, aqui estão apenas alguns momentos de aulas que são pertinentes com esta monografia: mudanças climáticas; assuntos sobre conceitos históricos, como a tecnologia na Revolução Industrial ontem e hoje; Socialização dos meios de transportes e sua utilização pela classe trabalhadora nas grandes cidades; A valorização da mercadoria bicicleta nos dias atuais, como objeto de apreciação dos praticantes de esportes; Mobilidade urbana e cidadania; A organização da cidade no Brasil favorece a mobilidade de transportes individuais, como carro; A preocupação das políticas públicas para organizar a cidade nos dias de hoje de acordo com os princípios ambientalistas, favorecendo transportes menos poluente; Os benefícios para a saúde no uso da bicicleta diariamente; Os benefício para o meio ambiente; Leis de trânsito; direitos e deveres do cidadão que usa

bicicleta como transporte urbano; ética e moral da conduta em relação aos meio de transporte.

Destaca-se nesta monografia uma das atividades pedagógicas, como exemplo interdisciplinar, que envolveram aulas de Filosofia, Ciências, Geografia e Educação Física no Projeto da Bicicleta na escola:

1 – Tema: Bicicletada

- 1.1. Conteúdos: Ética, cidadania, política, direitos e deveres. Na Filosofia o tema está no conteúdo estruturante da Ética.
- 1.2. Procedimento de ensino: para organizar o passeio foram desenvolvidas aulas em sala de aula e na quadra. As aulas teóricas buscaram aprofundar os conteúdos articulados com a mobilidade urbana de baixo impacto ambiental, no caso específico da bicicleta. Segundo os professores da escola, sair com os jovens as ruas não é tarefa fácil para um professor, ele deve organizar o grupo de modo que a organização, o passeio e o retorno a escola seja proveitoso pedagogicamente para o aprendizado do aluno em relação às questões gerais da Mobilidade urbana e Educação Ambiental, assim como também os conteúdos específicos da Filosofia.
- 1.3. Tempo pedagógico: Em torno de quatro aulas para abordar esses conteúdos e mais quatro para organizar a bicicletada.
- 1.4. Objetivo: O intuito desse passeio foi experimentar a bicicleta enquanto um transporte urbano, reconhecimento da bicicleta como transporte de baixo impacto ambiental; reconhecimento da região que o aluno reside; identificação das áreas ao redor da escola para futuras ações de preservação e conservação ambiental.
- 1.5. Avaliação: Os alunos foram avaliados em todos os momentos de produção do conhecimento nas aulas e nas atividades. Foram valorizadas para quantificação da nota final a participação nas aulas teóricas e práticas, a qualidade das pesquisas sobre os conteúdos específicos da Filosofia, a construção de argumentos para debater a mobilidade e a questão ambiental. Como critério de avaliação, foi considerado o nível de aprofundamento teóricos dos temas-problemas

de acordo com a leitura e compreensão dos textos de Filosofia (como desenvolvido no capítulo 1.6) e a capacidade de criação, crítica reflexiva, de textos orais e escritos.

Com base no projeto interdisciplinar será apresentado abaixo quatro² aulas de Filosofia que foram construídas para o aprofundamento da temática Ambiental nas aulas de Filosofia, tendo como eixo da debate a Ética Ambiental, cidadania e mobilidade urbana.

Aula 1

Tema: Bicicleta como meio de transporte urbano, por que?

Conteúdos: Mobilidade urbana e participação na sociedade, conceitos de cidadania e sociedade.

Procedimento de ensino: O professor incentiva reflexões em relação a mobilidade urbana e os problemas causados por transportes poluentes. Pergunta-se inicialmente para os jovens sobre quais os melhores transportes e os motivos dessa escolha. A partir dessa reflexão é possível desenvolver uma argumentação com base na apropriação tecnológica nos dias de hoje para atender determinados fins, quanto a essa temática.

Avaliação: Participação e interesse dos alunos em relação a construção dos argumentos para o debate.

Referência: notícias da mídia sobre mobilidade urbana, problemas ambientais atuais, impacto de transportes urbanos ao meio ambiente e bicicleta.

Aula 2

Tema: A responsabilidade com a vida e a conduta social?

Conteúdos: Moral e ética na sociedade atual

Procedimento de ensino: O professor pode fazer os alunos pensarem sobre sua responsabilidade na atitude de escolha do transporte urbano de cada um dos cidadãos e dos governantes da Cidade de Curitiba. Para aprofundar o tema indica-se para próxima aula leitura de Machado, A.N. (2010) Determinismo. Em Problemas Filosóficos:

² Essas aulas não aconteceram no projeto, elas foram construídas exclusivamente para esta monografia.

<http://problemasfilosoficos.blogspot.com.br/2010/06/determinismo.html> e Machado, A.N. (2010) Liberdade e responsabilidade moral. Em Problemas Filosóficos: <http://problemasfilosoficos.blogspot.com.br/2010/06/liberdade-e-responsabilidade-moral.html> e aprofundar o debate de acordo com o texto trazido nesta monografia no item 1.6.1.

Avaliação: Os alunos serão avaliados de acordo com o diálogo estabelecido e o desenvolvimento de um texto sobre a relação entre bicicleta e a escolha dos transportes urbanos.

Referência: Machado, A.N. (2010) Determinismo. em Problemas Filosóficos: <http://problemasfilosoficos.blogspot.com.br/2010/06/determinismo.html> e Machado, A.N. (2010) Liberdade e responsabilidade moral. Em Problemas Filosóficos: <http://problemasfilosoficos.blogspot.com.br/2010/06/liberdade-e-responsabilidade-moral.html>

Aula 3

Tema: Liberdade, existem escolhas na atual sociedade?

Conteúdos: Liberdade, moralidade e capitalismo

Procedimento de ensino: O professor busca dialogar com os alunos sobre a leitura dos textos indicados na aula anterior e pede para que os alunos leiam seus argumentos sobre a liberdade de escolhas na vida urbana em relação a mobilidade.

Avaliação: O texto dos alunos sobre a leitura indicada deve ser analisado pelo professor para que o aluno tenha um retorno dos conteúdos e argumentos filosóficos sobre liberdade, sociedade e meio ambiente.

Referência: NASCIMENTO, Rodnei Antonio do. "Capitalismo, moral e política" (p. 70 a p.81) em Carvalho, M.; Cornelli G. (org.) *Filosofia: estética e política*, vol. 3, Cuiabá: Central de Texto, 2013.

Aula 4

Tema: Conceito de liberdade

Conteúdos: Liberdade, responsabilidade social e Educação Ambiental

...O homem é não apenas tal como ele se concebe, mas como ele se quer, e como ele se concebe depois da existência, como ele se quer depois desse impulso para a existência, o homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo. Tal é o primeiro princípio do existencialismo. É também o que se chama a subjetividade, e que nos reprovam sob esse mesmo

nome. Mas, que queremos dizer com isso, senão que o homem tem mais dignidade que a pedra ou que a mesa? Pois nós queremos dizer que o homem primeiro existe, isto é, que ele é de início aquele que se lança para um porvir, e que é consciente de se lançar no porvir. O homem é de início um projeto que se vive subjetivamente, ao invés de ser um musgo, uma podridão, um couve-flor; nada existe antes desse projeto; nada está no céu inteligível, e o homem será aquilo que ele tiver projetado ser. Não o que ele quiser ser. Pois o que entendemos vulgarmente por querer é uma decisão consciente e que é para a maior parte de nós posterior àquilo que fizemos de nós mesmos. Posso querer aderir a um partido, escrever um livro, casar-me, tudo isso é uma manifestação de uma escolha mais original, mais espontânea do que aquilo que chamamos vontade. Mas se verdadeiramente a existência precede a essência, o homem é responsável por aquilo que ele é. Assim, o primeiro passo do existencialismo é colocar todo homem de posse daquilo que ele é e fazer cair sobre ele a responsabilidade total por sua existência. E, quando nós dizemos que o homem é responsável por si mesmo, não queremos dizer que o homem é responsável por sua estrita individualidade, mas que ele é responsável por todos os homens. Há dois sentidos para a palavra subjetivismo e nossos adversários jogam com esses dois sentidos. Subjetivismo quer dizer, por um lado, escolha do sujeito individual por si mesmo, e, por outro, impossibilidade para o homem de ultrapassar a subjetividade humana. É esse segundo o sentido profundo do existencialismo. Quando afirmamos que o homem se escolhe a si mesmo, entendemos que cada um de nós se escolhe, mas queremos dizer também que, escolhendo-se, ele escolhe todos os homens. De fato, não há um só de nossos atos que, criando o homem que queremos ser, não crie ao mesmo tempo uma imagem do homem tal como estimamos que ele deva ser. Escolher ser isto ou aquilo é afirmar ao mesmo tempo o valor daquilo que nós escolhemos, pois não podemos nunca escolher o mal; aquilo que escolhemos é sempre o bem, e nada pode ser bom para nós sem sê-lo para todos. Se, por outro lado, a existência precede a essência e se nós queremos existir, ao mesmo tempo que moldamos nossa imagem, essa imagem é válida para todos e para toda nossa época. Assim, nossa responsabilidade é muito maior do que poderíamos supor, pois ela engaja a humanidade inteira. Se eu sou um operário e se escolho aderir a um sindicato cristão ao invés de ser comunista, se, por esta adesão, eu quero indicar que a resignação é no fundo a solução que convém ao homem, que o reino do homem não é sobre a terra, eu não estou engajando apenas a mim mesmo: eu quero ser resignado por todos, por consequência minha decisão engaja toda a humanidade. E se eu quiser, fato mais individual ainda, casar-me, ter filhos, ainda que esse casamento dependa unicamente de minha situação, ou de minha paixão, ou de meu desejo, com ele eu engajo não apenas a mim mesmo, mas toda a humanidade no caminho da monogamia. Assim, eu sou responsável por mim mesmo e por todos, e eu crio uma certa imagem do homem que eu escolhi; escolhendo-me, eu escolho o homem. Sartre. J. P. O Existencialismo é um Humanismo.

Procedimento de ensino: O texto trata da liberdade e responsabilidade de escolhas do ser humano, e é importante como aprofundamento e continuidade da aula anterior, sobre o conceito de liberdade em um autor Clássico da Filosofia. O jovem tem muitos dos impasses de decisão, ele não sabe, em geral, distinguir o que ele pode fazer que será a favor de apenas seu próprio bem-estar ou estará a favor também do bem-estar dos outros, sejam familiares, amigos ou amores. Este trecho traz uma reflexão de como as nossas condutas estão ao alcance das nossas

escolhas, e elas devem ser pensadas com responsabilidade. Pois a *pseudo*-escolha pessoal implica também em uma escolha coletiva e de impactos ambientais. Portanto é o início da percepção da sua própria escolha por uma conduta ou outra com madura responsabilidade ambiental, pensando de modo universal os impactos dessas escolhas em relação ao meio ambiente em que vivemos. Para estudar o texto, serão feitas perguntas que podem suscitadas individualmente ou coletivamente, essas perguntas podem ser escritas como tarefas nos cadernos para que possa ser retomada em momento posterior pelo professor. Os alunos podem se aproximar da responsabilidade que é escolher uma conduta, e se perceber neste meio. Eles podem debater indicando opções de condutas para as perguntas elencadas sobre o transporte, mobilidade, cidadania, capitalismo e outros conceitos que surgiram nesta aula e em aulas passadas. O professor pode apresentar o texto, ou na íntegra ou em partes, dependendo do desenvolvimento da turma, para que esta aproximação busque reflexões no sentido de entender o Ser enquanto Existência no mundo, e, portanto, um ser que pode se reconhecer como uma escolha. Por fim, os alunos podem entender como Sartre fez para explicar a existência como liberdade do ser para fazer escolhas, e como essas escolhas implicam em mudanças em si e no outro. Este tema de aula devido a complexidade do texto Clássico, pode ser trabalhado em uma ou até quatro aulas, nas quais os alunos podem levantar questões sobre suas dificuldades em escolher condutas simples ou complexas no cotidiano.

Avaliação: Será avaliado o aluno pela sua capacidade de leitura, grau de familiarização com o texto, sua lógica interna, suas teses, entendendo-as em seu tempo históricos, suas significações e impactos na filosofia. Pois ao longo dos diálogos estes tipos de arguições podem surgir. A leitura deve ser realizada pelo aluno para compreender as perguntas suscitadas por eles mesmos e devem ser orientadas pelo professor, seguindo uma interpretação para compreensão de sentidos dos conceitos e argumentos do Sartre, identificando com isso a importância destes argumentos também para a história do Pensamento na Filosofia.

Referência: SARTRE. J. P. O Existencialismo é um Humanismo. Projeto Aletheia, Secretaria de Educação do estado do Paraná. Disponível em <https://projetoaletheia.files.wordpress.com/2014/08/existencialismo-c3a9->

[humanismo-sartre.pdf](#)> Fonte Original: SARTRE, J-P. L'existentialisme est un humanisme. Paris: Nagel, 1952.

Aula 5

Tema: Democracia e participação social: a escolha da bicicleta como responsabilidade ambiental.

Conteúdos: Conceito de democracia e cidadania

Procedimento de ensino: Os alunos aprofundando o conceito de moral e liberdade na atual sociedade, começa a reconhecer os limites e possibilidades de condutas de livre escolha em relação a mobilidade urbana e como cidadão, os jovens podem buscar no conceito de cidadania e democracia formas de atuação na sociedade crítica e reflexiva em relação a sua própria vida e sua responsabilidade ambiental em relação ao meio em que vive. Buscando refletir como suas escolhas podem ter impacto e desequilibrar o meio ambiente. O aluno incentivado pelo professor pode organizar um texto a partir da análise da máxima de Hans Jonas

O enorme impacto do Princípio Responsabilidade não se deve somente a sua fundamentação filosófica, mas ao sentimento geral, que até então os mais atentos observadores poderão permitir cada vez menos de que algo poderia ir mal para a humanidade, inclusive o tempo poderia estar em posição no marco de crescimento exagerado e crescente das interferências técnicas sobre a natureza, de pôr em jogo a própria existência. Entretanto, se havia comentado que era evidente a vinda da chuva ácida, o efeito estufa, a poluição dos rios e muitos outros efeitos perigosos, fomos pegos de cheio na destruição de nossa biosfera (JONAS, 2005, p. 352-353).

Com auxílio de outros filósofos sobre a possibilidade de condutas para uma sociedade mais justa, igualitária e equilibrada em relação ao ser humano e meio ambiente. Para aprofundamento teórico, pode ser usado o texto do autor WERLE. Denilson. "Teorias contemporâneas da democracia"

Referência: JONAS, H. O Princípio da Responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica R.J. Contraponto/ PUC-Rio, 2006; e WERLE. Denilson. "Teorias contemporâneas da democracia" em Carvalho, M.; Cornelli G. (org.) *Filosofia: estética e política*, vol. 3, Cuiabá: Central de Texto, 2013.

3. RESULTADOS ALCANÇADOS

O tema ambiental foi escolhido devido sua importância nos dias de hoje, é um dos assuntos mais debatidos e comentados pela mídia e que, por isso mesmo, está, o tempo todo, na vida dos jovens. Os problemas de destruição ambiental do Meio Rural, ou no Campo, a questão dos transgênicos e seus impactos na alimentação humana, ou problemas de mobilidade urbana que atingem diretamente as relações humanas, ou mesmo as mudanças climáticas acompanhadas das mudanças dos níveis das marés que estão alterando os continentes e as vidas no cotidiano das atuais sociedades, são eventos que envolvem a atual sociedade, e, nesta sociedade, os jovens do ensino médio estão sujeitos a refletirem diariamente sobre isso. Mesmo que seja uma reflexão superficial, ela está presente a todo instante, quando essas notícias aparecem na grande mídia.

Nesse contexto, o papel do Ensino de Filosofia no Ensino Médio é, também, trazer para a sala de aula debates sobre esses eventos, buscando com isso problematizar as questões de modo que o jovem possa ter aparato teórico suficiente para refletir teoricamente, com fundamentos, com ética e responsabilidade, sobre essas questões e, assim, poder agir no mundo autonomamente e criticamente.

A questão Ambiental envolve uma área que está presente também na escola, que é a Educação Ambiental. Esta área é uma possibilidade para pensar a própria vida, e a partir dessa reflexão, buscar autores na história da Filosofia que se preocuparam com essa temática e possam auxiliar nas reflexões sobre tais problemas no mundo atual e suas possíveis soluções a partir de atitudes críticas e participativas na sociedade. Com isso, a Educação Ambiental envolve várias áreas dos saberes escolares, de modo interdisciplinar, que abriu para a Filosofia possibilidade não só para a reflexão crítica, mas também para a atitude crítica perante o mundo, a si mesmo e ao outro.

4. REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei n. 9795, 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a Educação Ambiental. Política Nacional de Educação Ambiental. Brasília, 1999.

CAPPELLO, M. A. C. “A história da filosofia entre nós ou, aclimação franco-brasileira da fórmula kantiana “Não se ensina filosofia, só se ensina a filosofar”. Aula-texto produzida para a disciplina Introdução à Prática de Ensino em Filosofia do Curso de Especialização em Ensino de Filosofia no Ensino Médio – turma 2014. MEC/CAPES/DED.

CAPRA, F. A Teia da Vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. Tradução Newton Roberval Eicheberg. São Paulo: Cultrix, 1996. 256 p. Título Original: the web of life: a new scientific understanding of living systems.

CARVALHO, M. E RABELLO, M. E. Ciência e valor – Entrevista com Hugh Lacey. Apostila. volume 4, p. 97-112. in: Filosofia : conhecimento e linguagem, volume 4 / organizadores Marcelo Carvalho, Gabriele Cornelli. -- Cuiabá, MT : Central de Texto, 2013.

CARVALHO, M; CORNELLI, G. (org.). “Filosofia e o conceito de clássico”. In Filosofia e Formação, vol.1. Cuiabá, MT: Central de Texto, 2013, p. 63ss. a

CARVALHO, M; CORNELLI, G. (org.). “História da Filosofia no Brasil”. In Filosofia e Formação, vol.1. Cuiabá, MT: Central de Texto, 2013. b

Carvalho, M; Cornelli, G. (org.). “Sobre a filosofia e a história da filosofia – entrevista com Marilena Chauí”. In Filosofia e Formação, vol.1. Cuiabá, MT: Central de Texto, 2013, p. 21. c

COMTE-SPONVILLE, A. O capitalismo é moral?. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FAUSTO, R. Marx: lógica e política - III. São Paulo: Ed. 34, 2002.

GERAS, N. The controversy about Marx and justice. In: _____. Literature, essays on marxism. Londres: Verso, 1986.

GONTIJO, P. Didática para além da Didática - Disponível no material básico do curso Ensinar Filosofia, volume 2, pag.49 a 59. In: Carvalho, M. Cornelli G. (org.) Ensinar filosofia: volume 2 / Cuiabá, MT: Central de Texto, 2013

GUIDO, G., KOHAN, O. Princípios e possibilidades para uma metodologia filosófica do ensino de filosofia: história, temas, problemas Humberto Guido, Silvio Gallo, Walter Omar Kohan, 2013.

JONAS, H. O Princípio da Responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica R.J. Contraponto/ PUC-Rio, 2006.

KANT, I. “Notícia do Prof. Immanuel Kant sobre a organização de suas preleções no Semestre de Inverno de 1765-1766”. In: Lógica. Trad. Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1992.

LEFF, E. Epistemologia Ambiental. São Paulo: Cortez, 2001.

MACHADO, A.N. Determinismo. em Problemas Filosóficos, 2010. <http://problemasfilosoficos.blogspot.com.br/2010/06/determinismo.html>

MACHADO, A.N. Liberdade e responsabilidade moral. Em Problemas Filosóficos, 2010. Acesso em <http://problemasfilosoficos.blogspot.com.br/2010/06/liberdade-e-responsabilidade-moral.html>

MARICONDA, P. R. O modelo da interação entre ciência e valor. Apostila, volume 4, p. 115-130. In: Filosofia: conhecimento e linguagem, volume 4 / organizadores Marcelo Carvalho, Gabriele Cornelli. -- Cuiabá, MT: Central de Texto, 2013.

MATTAR, A. M.; TOMAZETTI, E.M.; DANELOM, M.; “Filosofia como disciplina escolar”. In CARVALHO, M; CORNELLI, G. (org.). *Filosofia e Formação*, vol.1. Cuiabá, MT: Central de Texto, 2013.

NASCIMENTO, R. A. “Capitalismo, moral e política” (p. 70 a p.81) In: Carvalho, M.; Cornelli G. (org.) *Filosofia: estética e política*, vol. 3, Cuiabá: Central de Texto, 2013.

PALACIOS, J. G. A. Ensina-se a filosofar, filosofando. In: *PHILÓSOPHOS* 12 (1): 79-90, jan./jun. 2007. Disponível em: <<http://revistas.ufg.br/index.php/philosophos/article/view/3505#VEEvHfnF-So>>. Acesso em set. 2014.

PARANÁ, Secretaria de Educação do Estado do Paraná. Diretrizes Curriculares da Rede Pública da Educação Básica do Estado do Paraná, Filosofia. 2008.

PASCHOAL, A. E. Da utilidade da filosofia para a vida. In: AZEREDO, V. Nietzsche: Filosofia e Educação. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2008, p. 155-168.

_____. Da especificidade da filosofia ao seu ensino. In: Revista do NESEF Filosofia e Ensino. Curitiba, v.3, n.3, Jun./Jul./Ago./Set. 2013, p. 16-24.

PERINE, M. Aprendendo e ensinando a filosofar. In: *Ensinar filosofia: volume 2* / organizadores Marcelo Carvalho, Gabriele Cornelli. Cuiabá, MT: Central de Texto, 2013, pp.140-155.

RAMOS, C. A. Aprender a filosofar ou aprender a filosofia: Kant ou Hegel? In: *Trans/Form/Ação*, São Paulo, 30(2): 197-217, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/trans/v30n2/a13v30n2.pdf>>. Acesso em maio 2017.

REIGOTA, M. O que é Educação Ambiental. São Paulo: Brasiliense, 2001. (Coleção: Primeiros Passos).

RIBEIRO. R. J. “Ética e Política na Modernidade” p. 58 a 68) em Carvalho, M.; Cornelli G. (org.) *Filosofia: estética e política*, vol. 3, Cuiabá: Central de Texto, 2013.

ROCHA, R. P. A didática na disciplina de filosofia. Disponível no material básico do curso Ensinar Filosofia, volume 2, pag. 39 a 59, Organizadores: Marcelo, Carvalho, Gabriele Cornelli. Cuiabá, MT, Central de Texto, 2013.

RODRIGO, L. M. 'Filósofo e o professor de filosofia: práticas em comparação' de Lígia Maria Rodrigo In. TRENTIN, Renê/ GOTO, Roberto (orgs.) A filosofia e seu Ensino – Caminhos e sentidos. Col. Filosofar é Preciso, São Paulo: Ed. Loyola, 2009. (pág.79-93).

GOTO, S. Teses sobre o ensino de Filosofia no ensino médio, de Renê Trentin Silveira, In. SILVEIRA, Renê/ GOTO, Roberto (orgs.) A filosofia no ensino médio – temas, problemas e propostas. Col. Filosofar é Preciso, São Paulo: Ed. Loyola, 2007. (pág.77-118)

SARTRE. J. P. O Existencialismo é um Humanismo. Projeto Aletheia, Secretaria de Educação do estado do Paraná. Disponível em <<https://projetoaletheia.files.wordpress.com/2014/08/existencialismo-c3a9-humanismo-sartre.pdf>> Fonte Original: SARTRE, J-P. L'existentialisme est un humanisme. Paris: Nagel, 1952.

SOARES. A. G. Da possibilidade de ensinar em geral e, em particular, de ensinar filosofia' de Alexandre G. Soares, In. GUIDO, H./ALMEIDA Jr./DANELON, M. (orgs) O transversal e o Conceitual no ensino de Filosofia, Uberlândia: Edufu, 2014.

THIOLENT, M. Metodologia da Pesquisa-Ação. São Paulo: Cortez, 1986.

UNGER, N. M. (org.) Fundamentos Filosóficos do Pensamento Ecológico. São Paulo. Ed. Loyola, 1992. p 107

_____. Da Foz a Nascente: o recado do rio. Cortez, São Paulo, 2001.

WERLE. D. "Teorias contemporâneas da democracia" em Carvalho, M.; Cornelli G. (org.) *Filosofia: estética e política*, vol. 3, Cuiabá: Central de Texto, 2013.